

... Edição: 2001 - Vol. 26 - Nº 01 > Editorial > Índice > [Resumo](#) > **Artigo**

## **O AUTOCONCEITO DOS ADOLESCENTES EMPOBRECIDOS DAS INSTITUIÇÕES GUANELLIANAS DO MUNICÍPIO DE SANTA MARIA - RS**

Neste estudo, buscamos conhecer o autoconceito dos adolescentes empobrecidos, na faixa etária de 12 a 18 anos, sendo 96 do sexo masculino e 30 do sexo feminino, perfazendo um total de 126 educandos que freqüentam as três Instituições Guanellianas existentes no município de Santa Maria: Pão dos Pobres, Cidade dos Meninos e Escola Providência. Nosso objetivo é contribuir para o aperfeiçoamento do projeto Educativo de cada Instituição. Para isso, utilizamos como instrumento a Escala Reduzida do Autoconceito - ERA e referenciamos-nos à Abordagem Centrada na Pessoa, na Teoria dos Sistemas Ecológicos, nas Noções do autoconceito e na Psicologia Desenvolvimental. Com os resultados obtidos, percebemos que os autoconceitos dos adolescentes pesquisados estão assim classificados: Supervalorizado 7%; Bem Estruturado 20%; Mal Estruturado 34 %; Desvalorizado 39%.

### **Introdução**

Ao analisarmos as atividades das Instituições Guanellianas existentes no município de Santa Maria, podemos observar que estas, ao longo de sua história, sempre estiveram voltadas ao atendimento de crianças e adolescentes empobrecidos. Procuraram sempre ser coerentes com a filosofia e com o carisma de Dom Guanella, padre italiano que iniciou suas obras assistenciais na Itália, em 1898, sendo o fundador das congregações dos Servos da Caridade, responsáveis pela manutenção da Instituições Pão dos Pobres e Cidade dos Meninos, e da Congregação Filhas de Santa Maria da Providência, responsáveis pela escola providência.

Em sua prática, vêm procurando a efetivação de uma educação humanista, integrada e integradora, buscando proporcionar aos seus educandos, através de constantes aprimoramentos, estudos e reflexões, uma educação que os perceba, os respeite e os promova como pessoas. Têm buscado também, ao longo dos anos, uma educação mais participativa e dinâmica, de modo a oportunizar cada vez mais a participação da sociedade, dos pais e dos educandos em suas tomadas de decisões, efetivando os conceitos de cidadania.

Dentro deste contexto, em 1995, as Instituições Guanellianas recebem e estudam o Documento Básico Guanelliano - DBG, que passa a servir de referencial teórico para a elaboração de um importante e então necessário documento que norteará as ações educativas e pedagógicas adequadas à realidade de cada Instituição - o Projeto Educativo Guanelliano. Com esse projeto, evidencia-se que o educando ocupa o centro do processo educativo, tendo como ponto de partida a sua realidade sócio-econômica, cultural e, principalmente, pessoal, ou seja, considerando-se as suas necessidades, anseios, valores e, conseqüentemente, a forma como ele se percebe nas relações que estabelece consigo mesmo e com os outros que lhe são significativos em seu contexto pessoal e social.

Procurando obter um maior conhecimento sobre essa realidade e, conseqüentemente, contribuir para o aperfeiçoamento dos projetos pedagógicos, formulamos o tema gerador do presente estudo.

### **Contextualização do problema**

Em nossa atividade profissional como psicólogos, observamos que alguns pais, compreendendo esses objetivos institucionais, ingressam seus filhos nas Instituições na busca de formação educativa e de preparação para o trabalho, fazendo-se presentes nas reuniões de pais e nas demais atividades que ali são desenvolvidas. Outras famílias, porém, que constituem uma parcela significativa, procuram as Instituições motivadas por outros fatores, como:

a) a alimentação - os educandos recebem merenda, na parte da manhã e da tarde, e almoço ao meio dia, sendo que os que são atendidos em regime de abrigo na Cidade dos Meninos (sessenta alunos que permanecem na instituição de segunda à sexta-feira) recebem também o café da manhã e o jantar;

b) a conduta - alguns educandos apresentam dificuldades nos relacionamentos interpessoais, mostrando-se agressivos e tendo pouco interesse pelos estudos. Devido a isso, alguns pais e parte da comunidade ainda percebem e caracterizam as Instituições de acordo com alguns estereótipos e não de acordo com os objetivos institucionais;

Os educandos atendidos são, em sua grande maioria, provenientes de bairros e vilas, onde há um elevado índice de violência, com assaltos, roubos e brigas freqüentes. Em seus lares, o ambiente não é favorável a um desenvolvimento saudável, pois convivem com situações de alcoolismo, de abandono e de muita agressividade em virtude de brigas entre os pais. Muitos não conhecem os pais legítimos ou têm pouco contato com eles, tendo, muitas vezes, de conviver com padrastos, dificultando, assim, a sua identificação com um modelo masculino, além de terem de elaborar essas constantes situações de perdas. Geralmente as mães trabalham fora com o objetivo de complementar a renda familiar. Em algumas famílias, existe apenas a figura da mãe, cabendo a ela a responsabilidade pelo sustento da família. Alguns educandos não moram mais com os pais e ficam sob a responsabilidade de parentes, tais como os avós, tios e irmãos maiores.

O rendimento escolar desses adolescentes freqüentemente é baixo. Grande parte dos educandos mostram-se apáticos e desmotivados para o estudo; poucos manifestam vontade de freqüentar um curso superior, e suas aspirações profissionais, na maioria das vezes, estão relacionadas com as profissões e expectativas dos pais e das pessoas que lhes são significativas no meio em que vivem. Tendem a formar pequenos grupos, cujos integrantes são bastante unidos, mas que apresentam dificuldades de relacionamento com os demais grupos. Sentem-se diminuídos, inferiorizados (tais sentimentos influenciam sua conduta) e, muitas vezes, mentem sobre a sua realidade, fantasiando que possuem determinados bens materiais que, na realidade, não possuem.

Apresentam uma relação ambivalente frente às Instituições, pois ao mesmo tempo em que referem que gostam de freqüentá-las, demonstram que gostariam de freqüentar outra onde não ficassem muito tempo longe da família ou que fosse de melhor qualidade.

### **A adolescência**

A adolescência é a fase do desenvolvimento compreendida entre a infância e a idade adulta, onde ocorre uma série de mudanças que interferem nas percepções e nas representações que o adolescente tem de si mesmo, tanto a nível físico, emocional e afetivo, quanto nas suas interações familiares e sociais, sendo essas percepções de ordem subjetiva, baseadas em suas experiências pessoais. Conseqüentemente, estão relacionadas com a forma como eles percebem uma determinada situação, o que pode não corresponder com a realidade objetiva.

De acordo com OUTEIRAL (1994), a Organização Mundial de Saúde considera a adolescência constituída de duas fases: a primeira dos dez aos dezesseis anos e a segunda dos dezesseis aos vinte anos de idade. Para o autor, ela é composta de três etapas, de início e fim não muito precisas, sendo essa uma divisão totalmente arbitrária, pois podemos nos defrontar com adolescentes com menos de dez anos e com alguns com mais de vinte anos. Cada uma possui suas características relacionadas ao comportamento do adolescente:

Primeira fase - adolescência precoce (dos dez aos catorze anos). Caracteriza-se pelas transformações corporais, surgindo a necessidade de habituar-se com os novos aspectos de seu próprio corpo, com as implicações psicológicas daí decorrentes. Ocorre uma busca de maior independência com relação aos adultos, uma "separação psicológica", principalmente das figuras paternas.

Segunda fase - adolescência média (dos catorze aos dezesseis anos). É a fase em que surgem, predominantemente, a preocupação com a sexualidade, o desejo de obter identidade e satisfação sexual. Com isso, há uma busca de interação social e, conseqüentemente, a identificação com o grupo de iguais. Seu comportamento tende a ser estereotipado. Aqui observamos a passagem da homossexualidade para a heterossexualidade.

Terceira fase - adolescência tardia (dos dezesseis ou dezessete aos vinte anos). É caracterizada pela procura de uma identidade mais adulta, tanto no aspecto psicológico como no sexual. Aqui começa a formação de novos vínculos com os pais e com os processos psíquicos do mundo adulto; há uma maior aceitação de si e de seu novo corpo físico, agora com características mais adultas, bem como uma preocupação com a sua profissionalização.

Com relação às mudanças que ocorrem nessa última fase, observamos que as que ocorrem a nível físico são uma das mais importantes e visíveis, implicando na aceitação de um novo corpo, com mudanças que, mesmo sendo esperadas e desejadas, são sentidas como ameaçadoras. O adolescente passa, então, a viver a perda do corpo infantil, que está se tornado adulto, porém com uma mente que ainda não acompanha esse desenvolvimento e que pode não ser o que ele desejava ter. Outro fator importante é o período em que ocorrem as mudanças, que nos meninos começam em média entre os 12 e os 13 anos e terminam entre os 16 e os 18, podendo, em alguns, começar aos 10 anos e encerrar, em outros, aos 20. Nas meninas o processo de amadurecimento inicia mais cedo - entre os 10 e os 11 anos

de forma precoce ou tardia. O menino pode sentir-se mais forte que os demais pela sua superioridade física, ou então sentir-se mais inseguro ou inadequado quando o seu amadurecimento é mais tardio. Nas meninas o amadurecimento precoce pode causar sentimento de inadequação, levando-as, inclusive, a procurar esconder os sinais externos dessa maturação. Já o amadurecimento tardio pode causar um impacto menor, pois tende a acontecer ao mesmo tempo que nos meninos. Devido a esse amadurecimento precoce podem ser feitas exigências que estão mais relacionadas com o desenvolvimento físico do que com o seu amadurecimento a nível mental.

A nível cognitivo, destaca-se o surgimento do raciocínio hipotético dedutivo, que permite aos adolescentes fazer generalizações mais rápidas, e a compreensão de conceitos abstratos, que lhes permite uma maior independência intelectual, o que se apresenta muitas vezes em forma de rebeldia frente às figuras de autoridade. Essa capacidade maior de abstração, reflexão e de generalizações a partir de hipóteses leva-os a questionarem mais os princípios e as regras da sociedade, da escola, da religião e da família. Tornam-se questionadores frente aos valores e ao que é instituído pela sociedade, pela escola, pela política e também pela família. Através desses questionamentos, possuem respostas para os grandes problemas da humanidade, as quais, muitas vezes, estão mais relacionadas com as suas opiniões do que baseadas em princípios da realidade. Com essa conduta, os adolescentes podem não ser entendidos e, sim, rejeitados, criticados, devido à falta de sensibilidade dos adultos que não os compreendem nesse momento de transição.

Com relação à sua sexualidade, destaca-se a sua capacidade de reprodução. Embora apresentem um corpo de adulto, psicologicamente ainda não apresentam um amadurecimento suficiente para a atividade sexual. Surge uma maior preocupação com a aparência física, o que influencia de forma positiva na sua auto-estima, quando se percebe como alguém atraente e desejável e que chama a atenção dos outros.

De acordo com SOUZA (1996), a busca de uma identidade sexual se dá juntamente com a busca de sua identidade psicológica e de um posicionamento social, sendo importantes, para isso, não somente os fatores individuais, mas também as influências familiares e sociais. Se a criança ultrapassar as fases do desenvolvimento com um razoável ajustamento, deverá vivenciar a fase da adolescência sem grandes tumultos.

Outro fator importante é o relacionamento com o seu grupo de iguais, no qual pode encontrar modelos para identificar-se com a figura de um líder, alguém que seja importante ou valorizado por eles. O seu autoconceito também pode estar relacionado à aceitação ou à rejeição que encontra dentro do grupo, o que pode implicar em uma conduta diferente daquela que é esperada pelo seu grupo familiar. Isso pode tornar-se fonte de conflitos nas relações com os pais e com os internos, pois, ao mesmo tempo em que respeitam e acreditam nos valores que lhes são transmitidos, necessitam seguir outras regras e normas, de forma a identificarem-se e, assim, serem aceitos pelo seu grupo.

### **O autoconceito**

Ao nascer, a criança passa a fazer parte de um grupo - a família -, onde são estabelecidas as primeiras relações, com suas frustrações e gratificações, importantes no processo de identificação e formação de sua subjetividade. Isso possibilita sua inserção na comunidade, facilitando as interações sociais com a aquisição e assimilação de valores, crenças e costumes. Gradativamente, vai estabelecendo relações com outros adultos, com as demais pessoas que fazem parte de seu meio social e também com os professores quando de seu ingresso na escola. Esses relacionamentos, pela sua natureza, influenciam de forma significativa nas percepções que tem de si mesma e dos outros, contribuindo para a formação de seu autoconceito, que é um dos elementos integrantes da identidade pessoal.

Com relação a tais experiências para a formação do autoconceito, ROGERS (1977) fala em noção de "eu", que ocupa um papel fundamental em sua teoria, entendido como uma estrutura perceptual total que engloba todas as experiências do indivíduo ao longo de sua vida. Para KINGET (1977, p. 44), o "eu" é

*um conjunto organizado e mutável de percepções que se referem ao próprio indivíduo: qualidades, defeitos, capacidades, limitações e valores, relações reconhecidas pelo indivíduo, como descritivas de si mesmo e percebidas como retratando sua identidade.*

FIERRO (1995) comenta que o autoconceito é, na realidade, mais do que um conceito. É, segundo ele,

*um conjunto de conceitos, de representações, de juízos descritivos e valorativos a respeito do próprio sujeito. Tal conjunto se refere a si mesmo sob diferentes aspectos: o próprio corpo, o próprio comportamento, a própria situação e relações sociais. (p. 296)*

P PALACIOS HIDALGO (1997) d i d i d é l d

em evidências externas e arbitrárias.

Conforme OAKLANDER (1980), a auto-estima das crianças, quando é baixa, pode ser manifestada de diferentes formas. Elas podem nem estar cientes de que não se sentem muito bem com relação a si mesmas, embora saibam que algo está errado. Alguns sinais comuns são: choramingar, necessidade de vencer, trapacear em jogos, perfeccionismo, gabolice exagerada, distribuir dinheiro ou brinquedos, recorrer a numerosos dispositivos para chamar a atenção, tais como palhaçadas, bancar o bobo, perturbar os outros, adotar comportamento anti-social, ser muito crítico em relação a si mesmo, ser retraído ou tímido demais, culpar os outros por tudo, arranjar desculpas para tudo, desculpar-se constantemente, ter medo de experimentar coisas novas, desconfiar das pessoas, querer coisas demais, comportar-se defensivamente, comer demais, agradar demais aos outros, sentir-se incapaz de fazer escolhas e tomar decisões, nunca dizer "não".

O autoconceito das crianças gradativamente vai sendo modificado e, quando em idade escolar, vai deixando de ser concreto, passando para um caráter mais abstrato e generalizado, mais centrado em características internas e estáveis. Por volta dos oito anos, já possuem condições de distinguir entre as características físicas e as psicológicas, passando a descrever o seu eu mais em termos internos e psicológicos, formando, assim, a sua identidade categorial. Ao ingressar na adolescência, começa a ocorrer uma série de mudanças que interferem na representação que os adolescentes têm de si mesmos, tanto a nível físico, como emocional e afetivo.

Neste estudo, buscamos conhecer o autoconceito dos educandos visando ao aperfeiçoamento do projeto educativo das instituições, locais onde os adolescentes passam grande parte de seu dia e estabelecem relações com os educadores, que, além de modelos, são os responsáveis pelo processo educativo e, conseqüentemente, influenciam na formação do autoconceito. A partir de BRONFENBRENNER (1996), na Teoria dos Sistemas Ecológicos, encontramos elementos significativos para o entendimento dessas relações.

Ao ingressar na Instituição, a criança e o adolescente, além do microsistema família, passam, através da transição ecológica, a fazer parte de outro microsistema, ou seja, um novo ambiente com características próprias e materiais particulares, onde estabelecerão relações interpessoais com outras pessoas de diferentes personalidades e temperamentos, distintas quanto às crenças e aos valores, com as quais realizarão novas atividades e desempenharão papéis. Tais atividades, enquanto elementos do microsistema, poderão ser molares - aquelas que persistem ao longo do tempo, sendo significativas a nível experiencial para o educando. A grande maioria das atividades desenvolvidas nas Instituições podem ser caracterizadas como atividades molares, pois, iniciando em sala de aula, estendem-se para as oficinas e demais ambientes, onde são realizadas atividades de vida diária. De uma mesma forma, as brincadeiras, as oficinas de teatro, de dança e de música, as atividades esportivas são valorizadas, levando o educando a nelas persistirem ao longo do tempo.

Por outro lado, observamos que não ocorre a mesma motivação quanto às atividades pedagógicas. Estas passam a serem percebidas como destituídas de significado - principalmente se for considerada a realidade sócio-econômica e cultural dos educandos -, caracterizando-se como atividades moleculares.

Na Instituição enquanto microsistema, são importantes também as díadas, ou seja, um sistema de duas pessoas, considerada por BRONFENBRENNER (1996) como a estrutura interpessoal mais simples e, por isso, como contexto mais imediato de desenvolvimento. Elas podem ser de três tipos:

a) observacional - essa díada ocorre quando uma pessoa presta atenção às atividades desenvolvidas por uma outra, e esta percebe que está sendo observada, emitindo algum tipo de resposta ao observador;

b) de atividade conjunta - quando duas pessoas se percebem realizando alguma atividade conjuntamente, sem que necessariamente estejam fazendo a mesma coisa, mas que, mesmo sendo diferentes, se complementem. Ela é dependente de três características. A primeira diz respeito à reciprocidade nas atividades educativas. O aprendizado ocorre em todos os momentos e em todos os lugares do ambiente institucional, não ficando restrito apenas à aprendizagem formal de sala de aula. Conseqüentemente, ao ensinar, o educador também está aprendendo. A sua ação interfere na do educando, e vice-versa. Outra característica é o equilíbrio de poder que inicialmente está mais centralizado na pessoa do educador, o qual exerce maior influência sobre o educando e que, gradativamente, vai sendo transferido para o educando, que começa a assumir maiores responsabilidades nas suas atividades. Com isso, o adolescente passa a ser mais motivado e valorizado pelos resultados obtidos, assumindo um papel ativo na mudança e construção institucional e social. O terceiro aspecto refere-se às relações afetivas que vão surgindo ao longo das interações e que podem ser de diferentes formas, positivas, negativas ambivalentes ou assimétricas. Uma das condições indispensáveis para um saudável desenvolvimento dos educandos é que eles sejam acolhidos e valorizados como pessoas

que é aquela que continua a existir mesmo quando os elementos não estão mais realizando atividades conjuntamente e constitui-se em uma das mais importantes forças de motivação. A aprendizagem que ocorre dentro do ambiente institucional continuará a fazer parte da vida dos educandos, mesmo que estes não estejam mais a ela vinculados. Os seus valores, crenças, princípios éticos e morais, que foram internalizados e que contribuíram para a formação de sua personalidade, passarão a influenciar em suas atitudes frente à vida.

De uma mesma forma, são importantes as ligações e os processos que ocorrem entre os dois ou mais ambientes dos quais os educandos participam, como, por exemplo, a casa e a Instituição. As atividades que são realizadas na Instituição necessitam ser continuadas em casa, no ambiente familiar, de modo a promover uma efetiva interação entre a instituição e a escola. Assim, a educação visa a uma participação ambiental que seja um processo ativo, responsável pela construção e modificação da Instituição, e a uma extensão dessa participação ativa ao ambiente familiar. Essa interação será mais adequada quanto melhor for a comunicação interambiental, estreitando as relações entre a família e a Instituição.

Outro elemento importante do microsistema são os papéis que, na teoria dos Sistemas ecológicos, são entendidos, de acordo com KREBS (1995, p.34),

como um conjunto de atividades pertinentes a cada determinada posição, que indica não apenas as expectativas da sociedade em relação ao ocupante da posição, mas também as expectativas que o ocupante da posição tem no que diz respeito ao que os demais membros da sociedade esperam dele próprio.

Quando do ingresso na instituição, a adaptação pode ser facilitada através do conhecimento interambiental, através do conhecimento da instituição tal como ela é, a sua dinâmica de funcionamento, sua filosofia e sua prática. É necessário que esse conhecimento seja destituído de estereótipos, para que sua adaptação seja em cima de uma realidade, e não de forma preconceituosa.

### Metodologia

Esta pesquisa caracteriza-se como sendo do tipo descritiva. Neste estudo buscamos conhecer o autoconceito dos adolescentes empobrecidos tal como ele se apresenta na realidade pesquisada. Tem como um dos referenciais a Psicologia do Desenvolvimento, a Abordagem Centrada na Pessoa, Noções de Autoconceito e a Teoria dos Sistemas Ecológicos.

A escolha da população foi do tipo intencional, envolvendo todos os adolescentes empobrecidos, de ambos os sexos, na faixa etária compreendida entre os 12 e os 18 anos, que freqüentam as 3 Instituições Guanellianas de Santa Maria: o Pão dos Pobres e a Cidade dos Meninos, pertencentes à Congregação Servos da Caridade, e a Escola Providência, da Congregação Filhas de Santa Maria da Providência. A população deste estudo está configurada conforme TABELA 1.

TABELA 1 - Configuração da população pesquisada.

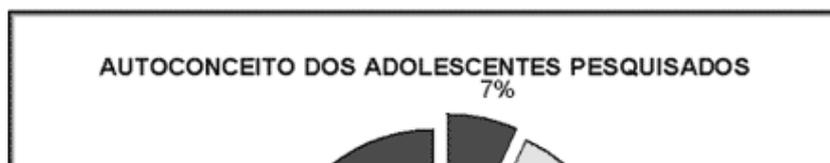
INSTITUIÇÃO	MASCULINO	FEMININO	TOTAL
PÃO DOS POBRES	52	16	68
CIDADE DOS MENINOS	41	03	44
ESCOLA PROVIDÊNCIA	03	11	14
TOTAL	96	30	126

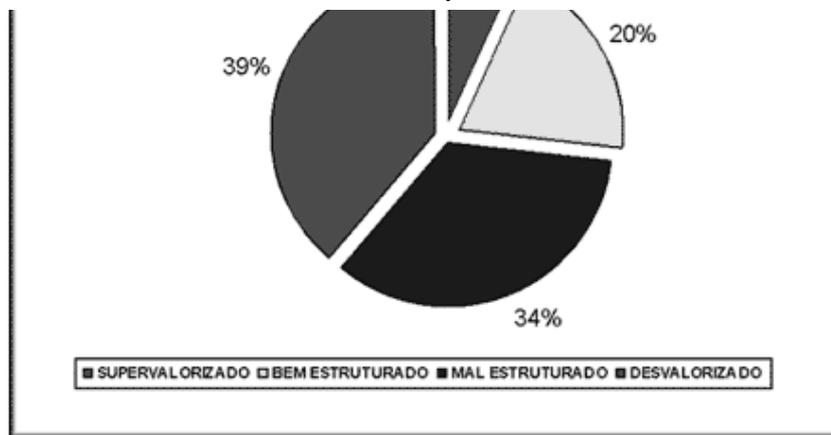
Para avaliação do autoconceito, foi utilizada a Escala Reduzida do Autoconceito - ERA, prova psicológica construída por Lúcia Cerne G. Corona (1977), que consta de 30 itens, entre os quais está um teste tridimensional, que aborda aspectos do "eu físico", do "eu moral" e do "eu social" - a coleta de dados foi executada pelo pesquisador. O autoconceito investigado foi classificado como Supervalorizado, Bem Estruturado, Mal Estruturado e Desvalorizado.

### Resultados e discussão

Os dados obtidos permitem-nos conhecer o autoconceito dos adolescentes empobrecidos, que pode ser observado na FIGURA 1.

FIGURA 1 - Valores percentuais do autoconceito dos adolescentes empobrecidos das Instituições Guanellianas.





Estes resultados vêm ao encontro do esperado para população que foi estudada. Percebe-se que uma parcela pequena (7%) apresenta um autoconceito classificado como Supervalorizado, evidenciando que, mesmo sendo proveniente de um ambiente empobrecido nos aspectos sócio-econômico e cultural, em seus microsistemas de ação - casa, família, vizinhança, escola - vem conseguindo estabelecer relações consigo mesmo e com os outros, as quais, a nível fenomenológico, são positivas, proporcionando-lhe uma saudável estruturação de seu autoconceito. O mesmo ocorre a nível institucional, favorecendo também a sua socialização através das relações com o seu grupo de iguais.

Os adolescentes que apresentaram uma autoconceito Bem Estruturado representam 20% da população, indicando que, ao longo de seu desenvolvimento, foram tendo uma percepção positiva de si mesmos nos relacionamentos que foram estabelecendo consigo mesmos e com os outros. O mesmo ocorre no ambiente institucional, o que sugere um bom relacionamento afetivo, percebendo os educadores e a instituição de forma saudável e positiva e desempenhando papéis de acordo com as expectativas institucionais (da direção e dos educadores) na busca de uma maior autonomia.

De acordo com Coopersmith apud PAPÁLIA e OLDS (1981), como pessoas, percebem-se como possuindo significância, competência, virtude, poder, sendo essas as quatro bases que fundamentam o desenvolvimento do autoconceito.

Observamos que 34% da população apresentou um autoconceito classificado como Mal Estruturado. Isso denota uma parcela bem expressiva dos educandos pesquisados, sugerindo que eles não vêm estabelecendo relações e tendo experiências que lhes permitam a percepção de si mesmos como alguém de valor pessoal e social. Além dessas vivências, há de se considerar que a adolescência é uma fase caracterizada por mudanças, que leva o jovem à busca não só de uma nova identidade, diferente daquela que o caracterizava como criança, como também de um novo papel, o papel de adulto. Salientam-se as mudanças a nível físico, que podem fazê-los sentirem-se impotentes, com uma conduta mais introvertida, utilizando-se de fantasias, sonhos e devaneios. Conforme OUTEIRAL (1994), essa impotência poderá ser vivida de forma persecutória, maníaca - negando a dor psíquica que acompanha este processo - ou fóbica, com uma evitação que procura colocar distante essas mudanças de forma que nem ele nem os seus familiares devem mencioná-la.

Outra característica importante é o surgimento do raciocínio hipotético-dedutivo, que lhe capacita para a abstração e reflexão, levando-o a questionar valores e a procurar os seus próprios. O adolescente pode apresentar uma certa rebeldia frente às figuras de autoridade, na busca de uma maior autonomia, bem como de um maior questionamento e reflexão sobre sua realidade pessoal, econômica e social.

Por fim, evidenciamos que 39% dos adolescentes que freqüentam as Instituições Guanellianas apresentam um autoconceito Desvalorizado. Esse resultado constitui-se em um perfil coerente com a realidade dos educandos pesquisados. De acordo com a abordagem humanista, KINGET sugere que a sua configuração experiencial não tem sido satisfatória e suficiente para lhes proporcionar uma saudável estruturação de seu eu, fazendo com que não se percebam como possuindo qualidades, capacidades, valores que lhes proporcionem um autoconceito valorizado.

Conforme BRONFENBRENNER (1979), as informações ambientais atuantes na estruturação do autoconceito estão ligadas diretamente ao microsistema, o qual inclui a situação imediata que afeta o indivíduo, os vínculos estabelecidos entre estes e as demais pessoas do ambiente, as atividades e seus níveis de significância e persistência temporal e, ainda, os papéis que são por eles vivenciados. Esses elementos, articulados em uma mesma dinâmica ecológica, atuam na configuração do autoconceito, estruturando em diversos níveis de positividade ou negatividade. Salientamos que os adolescentes

adolescentes, como também os relacionarem e serem empáticos às atitudes e necessidades dos adolescentes. Isso demonstra que não há um atendimento às necessidades mínimas para um relacionamento saudável entre pais e filhos.

De acordo com a análise de OAKLANDER (1980), observamos que os adolescentes podem não ter consciência de que não se sentem bem com relação a si mesmos, embora saibam que algo está errado. Alguns sinais comuns que são detectados pela autora e que são observados nas Instituições são a necessidade de vencer, arranjar desculpas, desconfiar das pessoas, querer coisas demais, comportar-se defensivamente, comer demais, sentir-se incapaz de fazer escolhas e tomar decisões, "tirar o corpo fora" das situações constrangedoras e não assumir a responsabilidade pelos seus atos.

Na estruturação do autoconceito desses educandos, podemos dizer que não foi observada uma diferenciação significativa dos valores obtidos no teste ERA com relação à variável sexo, o que pode ser observado na TABELA 2.

TABELA 2 - Valores obtidos no teste ERA para educandos das Instituições Guanellianas em 1998, levando-se em conta o sexo.

	<b>Feminino</b>	<b>Masculino</b>
<b>Quartil 1</b>	97,75	101,25
<b>Mediana</b>	113,5	112,5
<b>Quartil 1</b>	126,25	120

Isso sugere que, no contexto familiar, a educação vem ocorrendo de forma hegemônica, sem um maior favorecimento, prioridade ou valorização de um sexo em detrimento do outro. O mesmo ocorre com relação às percepções dos educandos frente a essa educação.

Com relação à idade dos educandos, observamos uma correlação positiva entre idade e escore, com  $r = 0,13$  e  $p < 0,08$ , conforme ilustrado na TABELA 3.

TABELA 3 - Percentuais obtidos em cada classificação do autoconceito nas faixas etárias dos adolescentes pesquisados.

<b>Autoconceito Faixa Etária</b>	<b>Supervalorizado</b>	<b>Bem Estruturado</b>	<b>Mal Estruturado</b>	<b>Desvalorizado</b>
12 anos	6%	8%	36%	50%
13 anos	8%	23%	29%	40%
14 anos	4%	25%	46%	25%
15 anos e mais	10%	26%	29%	35%

Conforme podemos observar, a metade dos adolescentes (50%) na faixa etária de 12 anos apresenta um autoconceito Desvalorizado, e 36% apresenta um autoconceito Mal Estruturado. Esses resultados tornam-se um dos mais significativos deste estudo, pois mostram que os adolescentes, nesta idade, caracterizada como de início da adolescência, com suas características próprias, necessitam de atitudes que sejam empáticas e valorativas e que lhes proporcionem a expressão de seus sentimentos frente às inseguranças e incertezas desta nova fase.

Na idade dos 13 anos, já observamos índices diferentes, com 40% para o autoconceito desvalorizado, baixando também para 29% o autoconceito classificado como Mal Estruturado, indicativo de que, nesta faixa etária, o educando vem conseguindo uma melhor e mais saudável percepção de si mesmo. Já na faixa dos 14 anos, encontramos um percentual que pode ser considerado como baixo para o autoconceito Desvalorizado. Observamos, porém, um resultado de 46% para a classificação de mal estruturado. Esses resultados vêm ao encontro do esperado, considerando-se que, nesta idade, inicia-se, conforme OUTEIRAL (1994), a adolescência média. Na faixa etária dos 15 anos e mais, observamos uma mudança mais significativa com relação ao autoconceito, pois encontramos um percentual de 10% para a classificação de Supervalorizado e de 26% para a de Bem Estruturado, sendo estes os maiores valores obtidos neste estudo para tais classificações, o que pode ser entendido em função do seu amadurecimento, ao longo de seu desenvolvimento. Esses diferentes resultados sugerem também que as vivências institucionais dos educandos vêm ocorrendo de forma positiva, ou seja, que eles têm encontrado nelas um contexto de desenvolvimento, percebido e sentido como favoráveis e pertinentes às suas necessidades.

### **Considerações finais**

As Instituições Guanellianas vêm atendendo a uma clientela que ao longo de seu desenvolvimento

contexto, as instituições têm procurado oportunizar oficinas de teatro, de música e de preparação para o trabalho, atividades esportivas e, principalmente, a participação da sociedade, da família e dos educandos na elaboração e aperfeiçoamento dos projetos educativos e em suas tomadas de decisões.

Além disso, vêm investindo na formação de seus educadores, para que estes, nas relações com os educandos, desenvolvam cada vez mais uma educação humanista, integrada e integradora. Esses fatores, presentes nos seus projetos educativos, constituem-se em ricas oportunidades que são oferecidas aos adolescentes, os quais, utilizando-se desses espaços, podem refletir sobre a sua realidade, reforçando conceitos, sentimentos e noções básicas para o mundo da vida e do trabalho, fortalecendo-se no que se refere às competências possíveis de seu desenvolvimento no ambiente institucional familiar e social.

---

### Referências Bibliográficas

BRONFENBRENNER, U. **A Ecologia do Desenvolvimento Humano: experimentos naturais e planejados**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

FIERRO, A. Relações Sociais na Adolescência. In: COLL, C., PALACIOS, J & MARCHESI, A. (Org). **Desenvolvimento Psicológico e Educação: psicologia evolutiva**. v. 1, Porto Alegre: Artes Médicas, 1995, p. 299-305.

KREBS, R. J. **Urie Bronfenbrenner e a Ecologia do Desenvolvimento Humano**. Santa Maria: Casa Editorial, 1995.

OAKLANDER, V. **Descobrir Crianças: abordagem gestáltica com crianças e adolescentes**. 5. ed. São Paulo: Summus, 1980.

OUTEIRAL, J. O. **Adolescer: estudos sobre adolescência**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

PALACIOS, J. & HIDALGO, V. desenvolvimento da personalidade nos anos pré-escolares. In: COLL, C.; PALACIOS, J. & MARCHESI, A. (Org). **Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia evolutiva**. v. 1, Porto Alegre: Artes médicas, 1995, p. 178-189.

PAPALIA, D. E. & OLDS, S. W. **O Mundo da Criança: da infância à adolescência**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1981.

ROGERS, C. R. & KINGET, G. M. **Psicoterapia e Relações Humanas**. v.1. 2. ed. Belo Horizonte: Interlivros, 1977.

SOUZA, R. P. **Nossos Adolescentes**. 3. ed. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1996.

---

[Edição anterior](#)

[Página inicial](#)

[Próxima edição](#)

Edição: 2001 - Vol. 26 - Nº 01 > Editorial > Índice > [Resumo](#) > **Artigo**